

Sapiens - Reconstruindo o clichê: quem somos, de onde viemos e para onde vamos?

Resenha escrita por Carlos Christian Della Giustina

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente -
PPSTMA do Centro Universitário de Anápolis, Unievangélica, Anápolis, GO, Brasil.
End. Eletrônico: giustina@paranoaconsult.com.br

doi:10.18472/SustDeb.v7n3.2016.21316

RESENHA

Yuval Noah Harari. Sapiens. Uma breve História da Humanidade. São Paulo, L&PM Editores, 2015. 464p. Bibliografia, ilustrações. ISBN 978-85-254-3218-6. [Traduzido do original Sapiens: A Brief History of Humankind por Janaína Marcoantonio. Ed. L&PM, 2015 – disponível na versão e-book para Amazon Kindle]

Yuval Noah Harari é doutor em história pela Oxford University e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. O autor tem em seu currículo diversas obras historiográficas, tais como: *Homo Deus: A Brief History of Tomorrow* (2016), ISBN 978-1910701881; *The Ultimate Experience: Battlefield Revelations and the Making of Modern War Culture, 1450–2000* (Houndmills: Palgrave-Macmillan, 2008), ISBN 978-023-058-388-7; *Special Operations in the Age of Chivalry, 1100–1550* (Woodbridge: Boydell & Brewer, 2007), ISBN 978-184-383-292-8; e *Renaissance Military Memoirs: War, History and Identity, 1450–1600* (Woodbridge: Boydell & Brewer, 2004), ISBN 978-184-383-064-1.

O livro resenhado foi originalmente publicado em hebraico, em 2011. Tornou-se um *best seller*, recebendo elogios da crítica acadêmica, como de Jared Diamond, autor de outro *best seller*, traduzido para o português como **Armas, Germes e Aço** (Record, 2001; ISBN 8501056006,) e da crítica literária em jornais de renome como o **New York Times** e o **The Guardian**, além de recomendado no Clube do Livro (*A year of Books*¹) de Mark Zukerberg, criador do Facebook.

O livro apresenta, em uma linguagem acessível ao público leigo, novas abordagens sobre a evolução do comportamento da humanidade, desde a chamada “revolução cognitiva”, há 70 mil anos atrás, até a atualidade. A evolução humana é analisada de forma integrada e dos pontos de vista biológico, sociológico, antropológico, psicológico e econômico. As teses defendidas pelo autor são, em grande medida, apoiadas em artigos científicos.

Uma das teses centrais do livro é que o ser humano evoluiu, a partir da “revolução cognitiva”, diferentemente dos demais organismos da Terra. O homem teria ascendido de uma posição intermediária ao topo da cadeia alimentar, sem que os ecossistemas tivessem diretamente influenciado ou se adaptado a essa nova hierarquia trófica. De acordo com esta tese, a capacidade de cooperação entre indivíduos e sociedades foi a chave para a supremacia humana. Para que a humanidade obtivesse

o êxito que alcançou, os indivíduos precisavam ter crenças comuns. Diz o autor, com o intuito de ilustrar as suas ideias: "Os sapiens da Indonésia, descendentes dos macacos na savana africana, se tornaram marinheiros sem o desenvolvimento de nadadeiras e sem ter que esperar que seu nariz migrasse para o alto da cabeça como fizeram as baleias. Em vez disso, construíram barcos e aprenderam a navegar." (p.74). Essas habilidades permitiram que os humanos ocupassem uma infinidade de tipos de ambientes.

A capacidade de construir sociedades coesas teria sido responsável pelo sucesso da espécie *Homo sapiens* e isso se deu com base na crença em fatores abstratos, como a religião, o dinheiro, os mercados, as estruturas políticas e as ideologias. Neste ponto, os argumentos expostos pelo autor, certamente, irão incomodar leitores que tenham o seu pensamento fechado e fundamentado em qualquer um desses fatores, isoladamente ou não.

Um primeiro mito questionado pelo autor é o do papel das guerras: "alguns acadêmicos imaginam as antigas sociedades de caçadores-coletores e argumentam que a guerra e a violência só surgiram após a Revolução Agrícola, quando as pessoas começaram a acumular propriedade privada. Outros estudiosos sustentam que o mundo dos antigos caçadores-coletores era excepcionalmente cruel e violento. Ambas as escolas de pensamento são castelos no ar" (p.68). Harari afirma que, em primeiro lugar seria impossível tecer conclusões sobre o comportamento das sociedades humanas em tempos remotos, considerando que registros arqueológicos são fragmentados e pontuais. Novamente a título de exemplificar sua tese, cita um caso de um sítio arqueológico situado no vale do Danúbio, na Europa, onde foram encontrados 400 esqueletos de uma sociedade pré-agrícola. Desses 400 esqueletos, 18 apresentavam marcas que poderiam indicar uma morte violenta, correspondendo, a 4,5% do total dos restos mortais. Comparando essa mesma estatística com a do século XX, as mortes em guerras recentes são 30% menores do que as mortes que aparentemente são registradas naquele sítio. Obviamente, essa comparação serve apenas para mostrar que os escassos vestígios não permitem que uma conclusão definitiva a esse respeito possa ser tirada.

Não menos polêmica é a análise da influência do ser humano sobre a extinção de outras espécies, o que nos remete ao atual antagonismo acadêmico entre as correntes de pensamento – socioambientalista e preservacionista. Neste caso, as robustas e geograficamente generalizadas evidências da associação entre a chegada do ser humano a ambientes prístinos e a extinção em série de numerosas espécies silvestres comprometem qualquer argumento que sacralize o "bom selvagem", idealizado pelos seguidores da primeira corrente. Afirma o autor, ao final da ampla argumentação baseada em exemplos e estudos publicados em conceituadas revistas científicas sobre a tragédia provocada pelos *Homo sapiens* à biodiversidade: "Não acredite nos abraçadores de árvores que afirmam que nossos ancestrais viveram em harmonia com a natureza" (p. 84).

Há mais provocações no texto. Sobre a revolução agrícola, o autor afirma: "As plantas domesticaram o *Homo sapiens* e não o contrário" (p. 90). Os caçadores-coletores viviam apenas o presente, pois consumiam apenas aquilo que estava disponível na natureza em cada momento. Com a revolução agrícola e os excedentes que ela foi capaz de produzir, surgiu a ansiedade, porque os humanos agora precisavam se preocupar com o futuro, chuva, colheita e outros afazeres.

A invenção e disseminação da escrita é outro vértice apontado como importante fator de mudança na forma de pensar dos seres humanos, abrindo a porta para formação dos estados e dos sistemas financeiros. A escrita alfanumérica favoreceu a formação da burocracia e a ascensão da contabilidade, por exemplo. Em última instância, as mudanças na linguagem iniciadas com a escrita teriam culminado na invenção da linguagem binária universal usada nos computadores atuais. Com isso, os humanos transformaram a sua forma natural de comunicação em linguagem numérica.

Há no texto outros temas polêmicos, como tratar como uma religião o comunismo, o capitalismo, o liberalismo, o nacionalismo e o nazismo – "é apenas um exercício semântico. Se uma religião é um sistema de normas e valores humanos que se baseia na crença de uma ordem sobre-humana, então o comunismo é uma religião tanto quanto o islamismo" (p. 236). A ordem sobre-humana atrelada ao comunismo estaria na crença em leis naturais e imutáveis que guiam as ações humanas, postuladas por Karl Marx.

Em outra parte do livro, não menos polêmica, o autor requalifica o papel dos impérios na história recente da humanidade, jogando luz sobre aspectos considerados positivos para o desenvolvimento das nações “colonizadas”. Mais um exemplo que ilustra as controvérsias de suas ideias, consta em seus capítulos finais, uma instigante reflexão sobre se somos como humanidade, com todas as facilidades da vida moderna porém com as angústias decorrentes, mais felizes que em tempos remotos: “O falecido Neil Armstrong, cuja pegada continua intacta na Lua sem vento, foi mais feliz que os caçadores-coletores anônimos que há 30 mil anos deixaram suas marcas de mão em uma parede na caverna de Chauvet? Se não, qual o sentido de desenvolver agricultura, cidades, moeda, impérios, ciência e indústria?” (p. 386).

Enfim, o livro oferece ao leitor de mente aberta a oportunidade de reavaliar os questionamentos sobre nós mesmos, como sociedades e como indivíduos. A leitura consiste em um verdadeiro desafio de quebrarmos os nossos paradigmas.

Considerando que, o tema – evolução humana – é um assunto instigante para aqueles que se interessam por temas literários que abordam o clichê clássico existencialista “quem somos, de onde viemos e para onde vamos?”, o livro tem o mérito de tratar dessas questões de forma inovadora e surpreendente. Ainda que o leitor não concorde com as teses defendidas pelo autor, certamente, ao final do livro, ele terá outra visão sobre a humanidade.

NOTAS

¹<https://www.Facebook.com/ayearofbooks/?fref=ts>